

PROPOSTA DE CORREÇÃO DO EXAME NACIONAL DE PORTUGUÊS

PROVA 639 – 1ª FASE

GRUPO I

A

1. Efetivamente, a construção e o voo inaugural da passarola deveram-se à conjugação das capacidades e ao trabalho das três personagens destacadas no excerto de *Memorial do Convento*, de José Saramago.

Na fase inicial da construção, foi preponderante o padre Bartolomeu, uma vez que a ideia e o projeto partiram do seu génio, tal como o mesmo reconhece em “estou subindo ao céu por obra do meu génio” (linhas 22-23). Porém, sem a força física de Baltasar, a máquina não estaria agora a voar, sendo por isso “obra da mão direita de Baltasar” (linha 24). Mas os olhos de Blimunda também foram fundamentais para recolher as vontades humanas e verificar o estado dos materiais, o que leva o padre a reconhecer que a subida ao céu “foi obra também dos olhos de Blimunda” (linha 23).

No momento do voo, o saber e força desta tríade voltam a fazer-se notar, primeiro pela análise do espaço celeste, efetuada por Bartolomeu de Gusmão, e depois pela união de esforços do casal do povo, quando tiveram de puxar a corda para que a vela fosse bater nas bolas de âmbar – “Blimunda aproximou-se, pôs as duas mãos sobre a mão de Baltasar, e, num só movimento... ambos puxaram a corda” (linhas 7-8).

Pelo exposto, percebe-se claramente que a ação conjunta das três figuras em destaque tornou possível a concretização de um sonho, que, sendo inicialmente do padre, também acabou por ser o dos seus mais diretos colaboradores, Baltasar e Blimunda.

2. O par Baltasar e Blimunda tem, inicialmente, reações semelhantes e reveladoras de algum receio, surpresa e deslumbramento, como se pode ver em “não o fez logo Baltasar, tremeu-lhe a mão” (linha 5); “sacudidos pelos bruscos volteios, Baltasar e Blimunda tinham caído no chão de tábuas da máquina” (linhas 14-15). Depois de se levantarem, ficam surpreendidos e deslumbrados, abandonando o susto inicial, como se comprova em “Não tinham medo, estavam apenas assustados com a sua própria coragem” (linha 26) e “enfim levantaram-se (...) deslumbrados de luz e de vento, logo sem nenhum susto” (linhas 29-30).

Mas se o receio, o susto e o deslumbramento iniciais são sentimentos comuns às duas personagens, num segundo momento Baltasar revela-se muito mais emotivo, dando largas à sua alegria – “Ah, e Baltasar gritou. Conseguimos, abraçou-se a Blimunda e desatou a chorar” (linhas 31-32), enquanto Blimunda revela maior racionalidade, mantendo a calma e o discernimento, preocupando-se, inclusive, com o fim daquela aventura e questionando-se até onde esta os levaria – “Se não abrirmos a vela, continuaremos a subir, aonde iremos parar, talvez ao sol.” (linhas 37-38).

Assim, é possível perceber reações semelhantes mas também diferentes nestas duas personagens.

3. A euforia do padre deve-se à enorme satisfação que aquele momento lhe estava a proporcionar, uma vez que acabava de concretizar o sonho de voar.

Esta alegria é ainda maior quando este a relaciona com ações por ele experienciadas, nomeadamente a viagem que fizera à Holanda em busca do segredo do âmbar ou do conhecimento científico que lhe propiciaria aquela experiência voadora – “o mar por onde viajei até à Holanda” (linha 19), bem como o prazer que lhe dava agora ser ele a troçar de um tal Tomás Pinto Brandão que se rira das suas primeiras experiências voadoras – “Se me visse aquele Tomás Pinto Brandão que se riu de mim em versos” (linha 21). Este, se o visse agora, teria que reconhecer a genialidade daquele que muitos julgaram louco ou herege, como foi o caso do Santo Ofício.

B

4. Padre António Vieira, no *Sermão de Santo António*, dirige-se aos peixes tentando atingir determinados tipos humanos.

Através das críticas endereçadas ao peixe Voador, o orador português pretende convocar o ser humano que se deixa guiar pela ambição, desprezando a natureza e os limites para que Deus o criou. Para evidenciar a vaidade, a ganância e a ambição desmedidas, o pregador refere o comportamento do Voador que, por ter barbatanas maiores que as dos outros peixes, age como se fosse ave, pondo-se a voar, questionando-o assim: “Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas asas?” (linhas 7-8), sentenciando-o depois deste modo: “... Quiseste ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos.” (linhas 8-9).

Assim, o peixe Voador simboliza o homem ambicioso, que quer ser mais do que aquilo que pode ou deve, transformando-se, deste modo, num ser mesquinho e infeliz.

5. O peixe Voador, que por ter asas julga que pode voar, acaba por ser vítima da sua própria vaidade e ambição, tornando-se isco dos perigos da terra e do ar. Ao pretender ser ave, acaba por embater nas velas e nas cordas dos navios – “o Voador toca na vela ou na corda e cai palpitando” (linhas 11-12), encontrando frequentemente a morte, uma vez que “Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca, ao Voador mata-o a vaidade de voar” (linhas 12-13).

Por isso, o Voador, ao voar, torna-se alvo do vento, indo embater nos mastros, nas velas ou nas cordas dos barcos, encontrando mais facilmente a morte.

GRUPO II

Item	Versão 1	Versão 2
1.1.	(B)	(C)
1.2.	(C)	(A)
1.3.	(A)	(D)
1.4.	(D)	(C)
1.5.	(C)	(B)
1.6.	(A)	(C)
1.7.	(C)	(A)
2.1.	Predicativo do sujeito	
2.2.	(Oração) subordinada (adjetiva) relativa (explicativa)	
2.3.	(Ato ilocutório) compromissivo ou assertivo	

GRUPO III

Qualquer pessoa, minimamente consciente, sabe que, na verdade, sem ambição, a vida do ser humano seria vazia, desprovida de interesse, até porque a ambição faz parte da condição humana e só quando imbuído de sonhos, os tais que comandam a vida, o homem pode fazer o mundo avançar.

Partindo dos pressupostos atrás enunciados, percebe-se que o descontentamento faz parte da natureza de qualquer ser humano, daí que Fernando Pessoa diga que “ser descontente é ser homem”, mostrando também estar consciente de que a ambição está na origem de todas as conquistas, podendo estas ter ou não efeitos perversos. Se, por um lado, a ambição de conhecer o que está para além do observável ou próximo fez mover todos aqueles que partiram à descoberta de novos mundos, como por exemplo os navegadores portugueses no período dos Descobrimentos, ou os EUA ao lançarem o primeiro foguetão à Lua, também é verdade que, se não fossem essas iniciativas, o universo estaria confinado ao planeta terra e aos territórios que estão mais próximos, e muitas das tecnologias que hoje se usam não teriam qualquer tipo de utilidade.

Porém, e infelizmente, nem sempre a ambição trouxe à humanidade os benefícios ou a euforia que muitas conquistas lhe proporcionaram. Veja-se, a título exemplificativo, até onde a ambição hitleriana levou a humanidade. Com efeito, a ambição desmedida de um só homem conduziu a uma guerra que não poupou inocentes e que destruiu vários países da Europa.

Assim sendo, pode dizer-se que a ambição e o sonho comandam a vida mas também a podem destruir, caso o homem não saiba canalizar as suas capacidades e a sua inteligência para o bem da humanidade e se sirva delas apenas para a satisfação dos seus desejos.

(286 palavras)